

DISCURSIVIDADE E EDUCAÇÃO EM BAKHTIN

Elias Gomes DA SILVA (UFOP) ¹

Resumo: O artigo em questão objetiva descrever a concepção de discurso e de discursividade na obra de Bakhtin e como a mesma possibilita o desencadeamento de um pensamento de caráter educacional. Fundamentalmente, ao estabelecer uma definição de discurso, Bakhtin teve o cuidado de deixar claro que todo processo de comunicação é detentor de certo caráter ideológico e polifônico, estando sempre envolto em uma estrutura de relações permeadas por uma realidade social e histórica. Nesses termos, Bakhtin propõe uma compreensão de linguagem na qual, em última instância, o que predomina é a perspectiva da situação concreta, considerando a enunciação e o contexto.

Palavras chaves: linguagem, Bakhtin, discursividade, educação.

Abstract: The article in question describe the design of speech and discourse in Bakhtin, and how it enables the triggering of a thought of an educational nature. Mainly to establish a definition of discourse, Bakhtin was careful to make clear that any communication process holds true polyphonic and ideological character, always wrapped in a structure of relationships permeated by a social and historical reality. In these terms, Bakhtin proposes an understanding of language where ultimately, what prevails is the perspective of the situation, considering the context and enunciation.

Keywords: language, Bakhtin, discourse, education.

1. Introdução

Em educação, a produção da singularidade só é possível em uma atmosfera na qual imperem a interatividade e o diálogo. O conceito de discursividade na obra do filósofo e lingüista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) permite o estabelecimento de uma postura educacional extremamente dialógica possibilitando a interação de autores, onde tanto os professores como os alunos tornam-se protagonistas na promoção e na efetivação do saber. A concepção de dialogismo Bakhtiniano propõe uma compreensão da linguagem em que, em última instância, o que predomina é a perspectiva da situação concreta, considerando o enunciado dentro de seu próprio contexto. Nessa esteira, afirma-se que a grande originalidade de Bakhtin foi ter proposto uma nova concepção de discurso, sobretudo, em profunda oposição ao simples objetivismo abstrato, bem como o chamado subjetivismo idealista (CAMPOS; SOUZA, 2005, p. 1). O que se percebe é que, a partir das análises propostas por esse autor, o discurso passou a ser pensado como uma prática eminentemente social e de interlocução, de troca, de construção, e não simplesmente como função de

¹Endereço Eletrônico: filosofia.elias@hotmail.com.

“homogeneizar” ideologias, mas sim de ser capaz de produzir singularidades.

Para compreender o fenômeno do discurso e da discursividade é extremamente necessário por em constante relação à consciência individual com as relações sociais como um todo (BAKHTIN, 1997, p. 317).

Nesses termos, as reflexões elencadas aqui, preferencialmente, tendem a convergir em direção a uma temática que, em se tratando da lingüística relacionada a seu uso em educação, produz a construção de diversos aportes cuja principal característica é a de ser produtiva e fecunda.

A justificativa da pesquisa se consolida, sobretudo, na medida em que se reconhece no entorno dos processos educacionais do mundo contemporâneo a real necessidade em se estabelecer uma postura pedagógica que seja capaz não somente de promover mera reprodução dos conteúdos, mas, principalmente, a educação, tendo como base a participação efetiva dos educandos. A construção do conhecimento através da participação do aluno só é possível pela inter-relação e o dialogo. Haja vista que, para Bakhtin, o fenômeno da linguagem serve sempre a uma função comunicativa dialógica. Para esse autor, toda e qualquer enunciação existe em função de um diálogo (BAKHTIN, 1997, p. 132).

Com base no que foi dito, pretende-se desenvolver o ensaio subdividindo-o em duas partes que são: (1) *Descrição da concepção de discurso e discursividade em Bakhtin*; e (2) *Investigação da possibilidade de se pensar uma práxis onde o fenômeno do educar ocorre na discursividade*. Vejamos os desdobramentos abaixo.

2. A concepção de discurso e de discursividade em Bakhtin

Preliminarmente, a concepção de discurso na obra de Bakhtin se estabelece, sobretudo, a partir de uma profunda relação com o estudo da sociedade. O estudo da língua para esse autor deve, preferencialmente, começar com o estudo do contexto social em se efetuam as múltiplas relações. Na visão de Bakhtin, a comunicação verbal não poder ser necessariamente isolada da circunstância em que a mesma foi produzida, nem tampouco das demais formas de comunicação não-verbais. Todas elas estão contextualizadas e vinculadas a situações concretas. Visto que é notório que a:

[...] comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de

comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar (BAKHTIN, 1997, p. 124).

O que significa que o sujeito discursivo se constrói na relação social. É preciso entender que, para Bakhtin, todo dizer se constitui como uma espécie de resultado e substrato fecundo de uma intensa adequação social. Assim, sendo a construção da linguagem um produto social, a mesma sempre ocorre como reflexo direto e contínuo da relação com o outro.

Por isso, nosso autor formula o seu conceito de discurso como “enunciado vivido”. Nesses termos, o território discursivo é entendido como um fenômeno humano que se estabelece em decorrência da relação intrínseca entre o locutor e o interlocutor (BAKHTIN, 1992, p. 113). Nesse contexto, nasce à idéia bakhtiniana de *interação verbal*. “A *interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua*” (BAKHTIN, 1992, p.123). Ora, se a constituição do discurso é um produto de interação verbal, é possível inferir-se que, em Bakhtin, a palavra possibilita as modificações que ocorrem na sociedade. Sendo assim, a palavra age como uma espécie de signo ideológico que funciona em qualquer situação social.

Segundo Stella (2005), a idéia de palavra vivida na obra de Bakhtin constitui um de seus principais conceitos (STELLA, 2005, p. 178). Ou seja, em torno dessa concepção de palavra estão inseridos outros termos como: *pureza semiótica*, *possibilidade de interiorização*, *participação em todo ato consciente e neutralidade*.

A capacidade discursiva de a palavra funcionar como signo ideológico diz respeito a sua pureza semiótica (STELLA, 2005, p. 186). O tema da interioridade na obra de Bakhtin remete-nos à sua idéia fundamental de que todo sujeito histórico passa obrigatoriamente pelo fenômeno da palavra, fazendo como que a mesma faça parte na formação de sua própria consciência, pois os signos são o alimento da consciência individual. Segundo Fiorin (2007), “*O indivíduo não fala e não pensa o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale*” (FIORIN, 2007, p.43).

Outro fator importante na compreensão de discurso e discursividade na obra de

Bakhtin é, sem dúvida, a influência direta da filosofia. Como filósofo de formação, Bakhtin também fez uso constante de alguns aportes de caráter especificamente filosófico na construção de sua análise do discurso. Dentre esses, destaca-se a presença marcante do “socialismo científico” ou marxismo. Por marxismo entenda-se o conjunto de idéias filosóficas elaboradas no século XIX pelos pensadores alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Em resumo, trata-se da tentativa de estabelecer certa leitura da História e da vida social, como consequência de uma típica e ferrenha luta de classes. Para os principais protagonistas, a denominada luta de classe se expressa nos territórios econômicos, ideológicos e políticos.

Segundo Bakhtin (1992), a construção de uma filosofia necessariamente marxista da linguagem tem como principal característica o reconhecimento latente de que a configuração do signo lingüístico é extremamente determinada pela situação social e concreta. *O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados* (BAKHTIN, 1992, p.16). Sobre esse ponto, o autor afirma:

[...] os processos que, no essencial determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe deles [...] o fenômeno psíquico, é explicável exclusivamente por fatores sociais, que determinam a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições do meio social (BAKHTIN, 1992, p. 48).

Para Rios (2009), a tese bakhtiniana dá ao signo lingüístico um caráter de materialidade social. Os conceitos de Bakhtin acerca da linguagem diferenciam-se das propostas de Wilhelm Dilthey (1833-1911), uma vez que para o autor russo, a força ideológica da linguagem não pode ser compreendida sem que primeiro se reconheça o valor agregado de relação e inter-relação contido no processo discursivo. Afirma Rios:

Dilthey esforça-se por conceber a ideologia e o psiquismo a uma unidade comum, defendendo a idéia de que a formação da ideologia ocorre por meio do mundo interior. No entanto, consideramos que a formação ideológica de uma determinada sociedade se constrói levando em conta a interação entre os homens e isso ocorre por meio do processo de significação dos signos construídos nas relações sociais. Nesse contexto, os sujeitos não só transformam, mas também se autotransformam (RIOS, 2009, p. 7).

Seguindo esses parâmetros, é pertinente afirmarmos que para o autor russo o signo lingüístico deve ser entendido como fenômeno ideológico. O conceito de discursividade como signo ideológico torna-se o principal instrumento da interação entre os homens

(BAKHTIN, 1992, p. 48). Portanto, mostra-se que a filosofia da linguagem só pode ser interpretada adequadamente à luz do referido signo.

Desse modo, em Bakhtin a consciência é concebida num plano distante do conceito adotado pelo psicologismo, mas baseia-se na ênfase ao contato com outras consciências, mediadas pelo material semiótico num processo fecundo de, sobretudo de interação social (RIOS, 2009, p. 7).

3. Educar na discursividade

Levantadas essas informações preliminares sobre o conceito de discurso e discursividade na obra de Bakhtin, é possível se perceber como o mesmo possibilita o desencadeamento de um pensamento de caráter educacional. Fundamentalmente, ao estabelecer uma definição de discurso, Bakhtin teve o cuidado de deixar claro que todo processo de comunicação é detentor de certo caráter ideológico e polifônico (BAKHTIN, 1997, p. 113).

A configuração e a formatação do discurso estão envoltos em uma estrutura de relações permeadas por uma realidade social e histórica. A compreensão de linguagem em última instância perpassa a perspectiva da situação concreta, considerando o entrelaçamento entre o enunciado e o contexto.

Nesses termos, acreditamos na existência de um ponto de convergência entre discursividade e educação em Bakhtin. Trata-se de algo extremamente necessário e possível, ou seja, sendo o discurso um fenômeno que ocorre em uma profunda interação social, Bakhtin defende a transformação do homem num contexto tridimensional: *sócio-histórico-ideológico*. O fenômeno da discursividade perpassa processos interativos. Desse modo, ele rompe com as teorizações de seu tempo, apostando na idéia de que o sujeito pode ser concebido na integração das dimensões subjetivas, sobretudo transformando em ações de fato (RIOS, 2009, p.8).

Em Bakhtin, é possível pensar em *educar na discursividade*. Suas reflexões permitem que consideremos a escola não somente como responsável em nos ensinar o padrão culto da língua, mas que, também, seja capaz de legitimar, de maneira ideológica, a hierarquização social pelo uso desse mesmo padrão. O padrão culto da língua, transmitido nas escolas, é ensinado como a maneira correta de falar e escrever. O que é diferente é visto

simplesmente como erro. De maneira hipotética, para esse autor, a escola funciona como uma instância produtora e legitimadora do saber falar/escrever corretamente.

Dentro desse contexto, Bakhtin estabelece o seu conceito de dialogismo e enunciação. Basicamente, os aportes teóricos vão afirmar que: *Toda e qualquer enunciação existe em função de um diálogo* (BAKHTIN, 1997, p.132). Não se trata do diálogo face a face simplesmente, mas sim aquele tipo de diálogo caracterizado pela sua forma ininterrupta, do qual até mesmo uma inscrição gravada num monumento faz parte. Assim, tudo o que é pronunciado, seja dito ou escrito, é feito como uma resposta, como réplica ou como uma confirmação, e traz sempre uma apreciação (BAKHTIN, 1997, p. 132).

Em outras palavras, o dizer na discursividade sempre vai se dirigir a alguém, ou seja, tem um público-alvo, levando em consideração a posição social de quem enuncia e do interlocutor. Bakhtin afirma:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 1997, p. 112).

A partir das exposições das idéias de Bakhtin, busca-se encontrar elementos de educação que se propõem a se afirmar como aportes teóricos que viabilizarão uma ação educativa cuja base é profundamente dialógica. A subjetividade para Bakhtin é construída numa relação sempre dialógica com o(s) outro(s) (LODI, 2005, p. 419). Trata-se de um processo dinâmico que se desenvolve durante toda a existência do ser e essa ação discursiva do sujeito é pautada em uma perspectiva social (LODI, 2005, p.419). Portanto, a construção da subjetividade depende, fundamentalmente, da relação que eles estabelecem tanto com seus pares quanto com seus ouvintes e, nesse sentido, o papel do professor em sala de aula ganha relevância na construção de uma percepção positiva por parte dos alunos.

É necessário que os profissionais envolvidos com a educação sejam capazes de proporcionar uma ação educativa de natureza dialógica, transformando os espaços educativos em ambientes onde a diversidade sócio-cultural seja de fato respeitada. Apenas o respeito pela diversidade pode fazer com que os professores compreendam seus alunos a partir dos aspectos próprios do grupo social ao qual eles pertencem (LODI, 2005, p. 420). Dessa forma, reconhece como e por que os mecanismos de resistência são construídos tanto

pelos alunos como por eles próprios.

Educar na discursividade é reconhecer que não pode, então, haver ensino-aprendizagem sem este estar relacionado ao contexto dos atores sociais dessa situação. O relacionamento com o contexto dos atores sociais dessa situação só é possível em um ambiente escolar dialogal.

No Brasil, um dos exemplos de pioneirismo nesse tipo de abordagem educativa foram, sem dúvida, os aportes teóricos formulados pelo educador Paulo Freire (1921-1997). Segundo Freire (1989), o posicionamento dialogal em educação proporciona e reproduz um relacionamento entre professores e alunos de maneira horizontal. Ele diz:

O que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humanidade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, fazem-se críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1989, p.107)

4. Conclusão

Procurou-se aqui mobilizar algumas questões de caráter educacional a partir dos conceitos de discurso e de discursividade na obra de Bakhtin, sobretudo, a fim de conferir substancialidade ao tema proposto. É indiscutível que o objeto de pesquisa em questão possui alto grau de complexidade e que as considerações feitas tratam-se apenas de apontamentos embrionários, uma vez que o desenvolvimento mais aprofundado do tema constitui-se em uma tarefa que ultrapassa em muito os tópicos aqui abordados.

O que se pretende é que os pressupostos aqui elencados sirvam como apontamentos para um rastrear futuro mais apurado. Os aspectos teóricos que compõem a discursividade em Bakhtin demonstram, mais uma vez, que o autor russo marcou profundamente a história da filosofia da linguagem constituindo-se em uma referência nas mais diversas áreas do saber.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

CAMPOS, D.; SOUZA, N.B. *Bakhtin e a Educação*. Educar e resgatar valores. Interletras Dourados-Mg. V.2, p. 01-13, 2010.

FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LODI, A. P. B. *Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

MARX, K; ENGELS, F. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Editorial Grijalbo. 1989.

RIOS, E. N. *A consciência como fato sócio-ideológico: um diálogo Marxista e Bakhtiniano*. Revista Gama, Rio de Janeiro, v. 7, p. 3-9, 2009.

SOBRAL, A. *Filosofias (e filosofia) em Bakhtin*. In: BRAIT, Beth. Bakhtin: Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2005.

STELLA, P. R. *Palavra*. In: BRAIT, B. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.